

Esquerda e direita

21 NOV 1976

JORNAL DA TARDE

Quem vinha acompanhando, no decorrer das apurações, a catadupa de análises sobre os resultados das eleições, na televisão, na rádio e nos jornais, já devia estar sentindo a mesma perplexidade manifestada publicamente pela grande atriz Marília Pêra a respeito do que vem a ser **esquerda** e **direita**.

Agora, com o resultado definitivo que leva os candidatos Lula e Collor para o segundo turno e com as negociações em torno dos apoios que poderão obter das forças que apoiaram os candidatos derrotados, a coisa vai ficar ainda mais confusa.

Este editorial é uma modesta contribuição do JT para esclarecer os nossos leitores, embora tenhamos plena consciência de que seu resultado poderá ser exatamente o oposto: aumentar ainda mais a confusão.

A distinção entre **esquerda** e **direita** como conceitos políticos, como sabemos todos, começou há dois séculos atrás quando, na primeira Assembleia Nacional Constituinte reunida na França depois da queda da Bastilha em 14 de julho de 1789 — os revolucionários mais radicais liderados por Robespierre os **montagnards** — sentavam-se nas cadeiras situadas na extrema esquerda do plenário, os **girondinos**, mais moderados, ocupavam as cadeiras situadas no centro-esquerda, os monarquistas constitucionais no centro-direita e os defensores do **ancien regime** ocupavam a extrema direita do plenário.

Por ilação compreensível, desde então se passou a associar, também, a idéia de progresso ao termo **esquerda** e a idéia de **reação** ao progresso ao termo **direita**. Ao mesmo tempo, como a mãe de todas as **esquerdas** subseqüentes agia em nome do povo, da entrega do poder ao povo depois da derrubada da monarquia absoluta, a **direita**, automaticamente, passou a ser associada ao antipovo, ou seja, às **classes dominantes**, sempre, em qualquer sociedade sob qualquer regime, minoritárias.

A coisa começou a se complicar quando, com o correr do tempo, o poder tirado da monarquia e oficialmente entregue ao povo foi-se concentrando cada vez mais em uma estrutura político-administrativa chamada **moderno estado nacional** — o povo escolhia os homens que deviam gerir o Estado — que, em pouco tempo, reunia poderes incomensuravelmente maiores do que os que jamais detivera o mais absoluto de todos os monarcas absolutos.

A partir de um certo momento, a história de todas as verdadeiras democracias é a história dos esforços das sociedades que adotaram esse regime para limitar os poderes do Estado. É que o Estado — como compreenderam desde o primeiro dia após a vitória da sua revolução os fundadores da democracia norte-americana — é um organismo vivo, com metabolismo próprio que independe do metabolismo do corpo social sobre o qual se apóia, e que tende, se não for controlado, a transformar-se — como já dizia o velho Karl Marx — numa **Boa constrictor** (nome científico da jibóia) que se enrola no corpo social e acaba sufocando-o.

O fato surpreendente, portanto, é que depois que o chamado **moderno estado industrial** apresentou nitidamente todas as características da **Boa constrictor** de Marx, os seus controladores — burocracia, nomenklatura, tecnocratas, marajás, ou que nome tenham —, que têm comportamento absolutamente idêntico em todos os países do mundo, tenham conseguido durante muito tempo impor ao mundo inteiro, com a exceção quase única dos Estados Unidos, a idéia de que quem se opõe ao seu domínio absoluto ou mesmo ao seu domínio excessivo é **de direita**, conservador e até reacionário, e quem defende seu poder absoluto, ou simplesmente excessivo, é **de esquerda** ou progressista. A coisa assumiu aspectos realmente kafkianos durante a época que precedeu a Segunda Guerra Mundial, quando a exacerbação do poder absoluto do Estado se consubstanciou nos grandes totalitarismos modernos, também arbitrariamente rotulados **de esquerda** (o comunista) e **de direita** (o nazifascista), embora fossem substancialmente idênticos.

Assim, chegamos ao paradoxo de termos, no caso do comunismo, um regime onde a **classe dominante** era a **esquerda**, e os eventuais contestadores da ordem estabelecida — do imobilismo político-social —, mais tarde conhecidos como **dissidentes**, eram a **direita**.

Com a guerra e a ocasional aliança militar das democracias ocidentais com o totalitarismo comunista contra o totalitarismo nazifascista, que acabou derrotado e desapareceu, durante algum tempo **direita** passou a ser palavrão.

Os feitos gloriosos dos exércitos soviéticos na luta contra o nazismo promoveram publicitaria-

mente a **esquerda** no mundo inteiro com uma eficiência tal, que durante alguns anos depois da guerra parecia inevitável a revolução mundial sonhada por Trotsky.

Para enfrentar essa onda, ao lado da Aliança Militar conhecida como NATO, o Ocidente democrático, sob a liderança norte-americana, lançava o Plano Marshall, semente dessa fantástica metamorfose da economia mundial que se desenvolve diante dos nossos olhos, que está provocando o desmoronamento do totalitarismo de esquerda, obrigado a reconhecer a superioridade do sistema econômico neocapitalista e transnacional sobre o arcaico sistema da economia socialista.

Ao mesmo tempo, no mundo intelectual, o equilíbrio entre as idéias **de esquerda** e as idéias **de direita** ia se alterando. É que alguns intelectuais que tinham sido os maiores promotores dos ideais **esquerdistas**, pelo menos até a guerra civil espanhola — da qual muitos deles participaram, quando, pela segunda vez, o comunismo soviético exibiu toda a sua hediondez, a primeira foi durante os famosos processos de Moscou —, compreenderam que tinham sido iludidos. Estamo-nos referindo, principalmente, a Malraux, Orwell, Koestler e Silone. Foi Silone, o grande escritor antifascista italiano, quem primeiro declarou que a **esquerda totalitária** era a **direita totalitária** e vice-versa o contrário, ao denunciar que **o comunismo é o fascismo vermelho**.

Depois da morte de Stalin veio Krushev com seu discurso famoso do XX Congresso do PCUS, a revolta gloriosa da Hungria, a revolta da Polônia e a **Primavera de Praga**. Em seguida surgiu Solzhenitsyn com seu **Arquipélago Gulag**.

A partir do início da década dos 70, o avanço vertiginoso do progresso econômico tornado possível pelo plano Marshall e pela subseqüente integração econômica do mundo ocidental, começava a tornar evidente demais que aquilo que a **esquerda** chamava de **direita** era o **progressismo**, enquanto a deterioração progressiva da economia centralizada do império comunista demonstrava que o sistema criado pela **esquerda** era um obstáculo intransponível para o progresso e a emancipação material, política e social do Homem. Era um sistema **reacionário**.

O resto é a história que se desenrola diante de nossos olhos neste momento, cujo último capítulo foi a queda do muro de Berlim.

Fora do Brasil (e da Albânia e de Cuba) **esquerda** já é sinônimo de **reacionarismo**, de reação contra o progresso econômico, social e político — a partir do momento em que Mikhail Gorbachov reconheceu publicamente que o progresso econômico é inerente à **direita**, ou seja, à economia de mercado, transnacional, com a redução drástica do tamanho do Estado.

Mas Lula acredita **honestamente**, como dizia nosso editorial de sexta-feira, que ele e seu PT representam as forças mais progressistas do Brasil.

Não sendo capaz de compreender todo esse processo que mudou o mundo, ele não se dá conta de que um partido que tem como símbolo a bandeira vermelha com a mesma estrela que os húngaros acabam de retirar da sua bandeira e que tem como hino a **Internacional**, nos dias em que Gorbachov manda seus ex-súditos europeus cantarem o **My Way** de Frank Sinatra, é a força mais **reacionária** do nosso espectro político.

A **esquerda** no Brasil de hoje é a força que defende com intransigência a obra econômica da ditadura militar, ou seja, o setor empresarial do Estado que, totalmente falido, é o grande responsável pela inflação, pela estagnação econômica e, conseqüentemente, por todo o sofrimento das nossas **classes trabalhadoras**.

É um direito que assiste ao Lula, ao PT e às demais **esquerdas** deste país tentar apresentar o modelo cubano como mais atraente do que o modelo da Alemanha Ocidental, do Japão ou da Coreia do Sul porque é **de esquerda**. Mas eles não têm o direito de dizer ao povo brasileiro que Cuba progrediu mais do que qualquer um dos outros países citados. Portanto, se eles têm direito de dizer que quem prefere o modelo cubano ao alemão-ocidental é **esquerda**, não têm o direito de dizer que é **progressista**, porque é **reacionário** mesmo.

E mais: defensores intransigentes do modelo econômico criado principalmente pelo presidente Geisel, eles têm a obrigação moral de reconhecer que o general Geisel é o maior **esquerdista** deste país, embora, evidentemente, não seja o maior **progressista**.

Que nos desculpe o leitor se não conseguimos desfazer a confusão que ia na sua cabeça a respeito dos termos **esquerda** e **direita**.